

# **Olhares sobre fronteiras: questões de pesquisa**

Antonio Sabino da Silva Neto  
Leonardo Damasceno de Sá  
**Organização**

Editora da Unifap  
Macapá - Amapá  
2023



#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C45

Olhares sobre fronteiras: questões de pesquisa / organizador Antonio Sabino da Silva Neto, Leonardo Damasceno de Sá. – Macapá: Editora da Unifap; Rio Branco: Nepan Editora, 2023.

183 p. : il.

E-book no formato PDF.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN: 978-65-89517-49-8 Editora da Unifap

ISBN: 978-65-89135-76-0 Nepan Editora

1. Fronteiras. 2. fronteiras – Pesquisa. 3. Territórios . I. Silva Neto, Antonio Sabino da. II. Sá, Leonardo Damasceno de. III. Título.

CDD 22. ed. 320.12

---

Biblioteca Maria do Socorro de O. Cordeiro – CRB 11/667

## PREFÁCIO

### A PLURIVERSALIDADE DAS FRONTEIRAS

A fronteira se constitui também a partir de alguns elementos fundamentais da natureza, como água, terra e fogo, analisando criticamente esses elementos naturais como recurso dos modelos de desenvolvimento econômico e político neoliberal, à luz das noções de alteridade, de comunidade e de meio ambiente.

Ao abrir janelas para uma reflexão mais alargada sobre fronteiras, os autores e as autoras dispensam a história lexicológica e a discussão conceitual sobre fronteira, para pensá-la a partir da relação social mediada pela natureza e as pessoas, mobilizando outros termos analíticos e explorando os sentidos pragmáticos da fronteira. O livro faz refletir sobre o modo pelo qual a fronteira dá forma e sentido às vidas sociais e humanas.

Partindo de uma abordagem que cruza diversas escalas e contextos empíricos no estado do Ceará, do Rio Grande do Sul e na região da Amazônia (Amapá, Pará, Amazonas e Acre), o livro aborda as fronteiras epistemológicas e metodológicas. As fronteiras aqui evocadas estão relacionadas às pluriversalidades que se inter-relacionam com a vida social das pessoas, notadamente as fronteiras étnicas e raciais (quilombolas e indígenas), fronteiras religiosas (entre catolicismo, protestantismo e religiões de matriz africana), de gênero, além das fronteiras morais e territoriais, dando ênfase à segurança, zona, região, faixa e ao limite.

Coloca-se em evidência o acesso a serviço e bens primários nas fronteiras territoriais, principalmente no que tange à saúde, alimentação, água e eletricidade, literalmente do Norte (Oiapoque) ao Sul (Aceguá). Também estão no centro das preocupações dos autores e das autoras os “problemas decorrentes de inadequação dos recursos físicos, ambientais, humanos, materiais e da fragilidade de sistemas de articulação da rede de atenção à saúde”. Nesse sentido, a fronteira aparece como fato social completo, para usar a expressão inspirada em Marcel Mauss.

O livro é enriquecido na medida em que rasga com as fronteiras disciplinares e coloca em diálogo Sociologia, Ciência Política, Geografia,

História, Direito, Ciências das Religiões, Desenvolvimento, Segurança Pública, além da área da saúde, e sugere dessencializar e descolonizar as fronteiras, rompendo com a colonialidade do ser, do saber e do poder das fronteiras como nos inspiram os expoentes do Grupo de Investigação Modernidade/Colonialidade. Uma boa parte dos textos aqui reunidos procura tensionar as epistemologias eurocentradas, as fronteiras epistêmicas, descolonizando e desfronteirizando o saber.

Algumas décadas atrás a fronteira era praticamente marginal como objeto de análise e de estudo na antropologia, apesar de muitos estudos desta disciplina serem realizados em região de fronteira. Alguns trabalhos mais recentes rejeitam as condições de possibilidades de uma reflexão antropológica centrada no fenômeno fronteiriço ou a possibilidade de desenvolver, por exemplo, uma antropologia e uma sociologia das fronteiras. Estas duas últimas disciplinas problematizam a noção de fronteiras nacionais, mostrando como são fenômenos complexos e, por isso, não podem ser resumidos a limites, divisas e tratados diplomáticos.

A partir das décadas de 1980 e 1990, antropólogos e sociólogos, além de outros profissionais, começaram a tomar como foco de investigação a fronteira, não mais como limites políticos, mas sim a partir das relações das populações que residem na fronteira ou que transitam ou circulam por ela. Essas experiências fronteiriças permitiram inaugurar outras perspectivas de análises e também ampliar as noções de fronteira como sociais, culturais e simbólicas.

Neste livro, os capítulos sobre dinâmicas migratórias procuram analisar criticamente as teorias clássicas e neoclássicas, chamando a atenção para a necessidade de “problematizar e teorizar as fronteiras e os processos migratórios, históricos e sociais que nelas se desenrolam” (Ver capítulo sete). A ênfase cai mais nas pessoas que circulam e habitam as regiões de fronteira, na transformação das paisagens e suas sociabilidades. Esses investigadores não pesquisam necessariamente a fronteira, mas na fronteira.

Os estudos sobre situação das prisões, segurança pública, violência e a exclusão social problematizam as fronteiras metodológicas e epistêmicas, tecendo críticas radicais sobre a escrita acadêmica, a produção do saber fora do circuito eurocentrado. No capítulo oito, por exemplo, os

autores indagam sobre os desafios para pensar os limites e as fronteiras da ideia de pesquisa em ambientes historicamente construídos como hostis ou perigosos, em que os estereótipos de crime e insegurança são produzidos. O que está em jogo igualmente são as múltiplas fronteiras vivenciadas pelo pesquisador em campo, não apenas as disciplinares, mas também as relações de objetividade e subjetividade na experiência do campo de pesquisa que impõem uma dupla fronteira moral e metodológica.

A suposta objetividade científica defendida pelo pensamento moderno ocidental foi desarmada pela proposta de decolonialidade, afirmando a necessidade do corpo-geopolítico para produção de conhecimento, que é necessariamente subjetiva. As fronteiras epistêmicas são borradas, cedendo espaço para a existência que surge como ato de qualificação epistêmica. O intelectual não apenas deve interpretar a fronteira, mas também transformá-la, deselitizá-la, colocando a fronteira a serviço do mundo, permitindo a reunião entre os humanos e os mais que humanos. A busca por uma outra ordem mundial é a luta por um mundo pós-fronteiriço onde muitos mundos possam existir, e onde, portanto, diferentes concepções de fronteira, espacialidades e subjetividades possam coexistir se relacionar substantivamente.

O giro pós-fronteiriço está no nível da ação, da atitude, levando à transformação da fronteira da modernidade. Tem a ver com a emergência de um novo projeto de mundo no qual a divisão e a separação não devem importar tanto para fronteira, mas sim a conexão, a transgressão e a possibilidade de comunicação com. O giro pós-fronteiriço encontra sua âncora na fronteira como abertura sem ignorar a sua existência, mas que não pode tampouco subjugar o mundo à fronteira. O giro pós-fronteiriço não está na ordem do passado, mas é um projeto a ser feito. A estética da fronteira tem também esse caráter: liga e interliga as pessoas e o mundo, conecta e reconecta o conhecimento com as ideias. Portanto, a descolonização das fronteiras é uma forma de reconstruí-las e um modo de combater os efeitos da catástrofe que ali se faz presente. As fronteiras devem ser agentes de mudança e espaços de acolhimento.

A fronteira é paradoxal, ao mesmo tempo em que elitiza através da seleção, da divisão e da separação de nações, culturas, línguas, religiões,

e entre sujeito e objeto, também marginaliza os “Outros” e tudo aquilo que constitui o mundo e o devir humano. Nesse sentido, a fronteira é, igualmente, um lugar de elitização e de marginalização. Elitiza o espaço, potencializa a vida daqueles considerados desejados, ocupando lugares privilegiados social e geopoliticamente. Marginaliza através da ritualística da humilhação e da dor daqueles que são considerados indesejados, por vezes tendo sua humanidade destituída. A fronteira se torna um território de vida, pela água, a saúde e a religião, e de morte, pela violência e o crime organizado.

A pesquisa desenvolvida na comunidade negra rural Vila da Lata do capítulo três traz um duplo nível, os processos de territorialização que se desenvolveram na região de fronteira Brasil/Uruguai e as fronteiras étnicas. Essa investigação mostra que as fronteiras geopolíticas precisam de pessoas para se materializarem. Não há fronteiras sem pessoas e Estados-nações sem fronteiras. Os habitantes dessa comunidade estabeleciam distinção entre “os da Lata” e “os não da Lata”, pois para ser considerado “da Lata”, é preciso ser negro e originar-se das famílias compradoras de lotes de terras de Eustáquio da Costa Fernandes. Nessa distinção, a identidade étnica é primordial para pensar os que integram ou não o território negro fronteiriço e, somado a isso, tais características distintivas estabelecidas no interior da comunidade tiveram o intuito de preservar o território negro da ocupação dos lindeiros.

Isto nos lembra dos argumentos sustentados por alguns estudos antropológicos, como os de Fredrik Barth (2011),<sup>1</sup> que chamava a atenção para o fato de que a circulação e o trânsito das pessoas entre diferentes grupos étnicos e culturas, a mobilidade de uma pessoa entre um grupo e outro, não são capazes de explodir as fronteiras étnicas, elas permanecem, independentemente das conexões e das interações em vários níveis que os próprios humanos fazem entre os diferentes grupos. Essas interações provocam mudanças sociais nos indivíduos e nos grupos aos quais pertencem, mas elas não apagam as diferenças étnicas entre os distintos grupos.

---

1 Barth, Fredrik (2011). “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras*. Tradução de Elcio Fernandes, 2. Ed., São Paulo: Ed. Unesp, p.187-227.

As relações entre nós e eles são mediadas pelas fronteiras estabelecidas pelos indivíduos através de padrões culturais que permitem avaliar e julgar a si mesmo e os outros. A fronteira étnica é responsável pela organização social dos grupos étnicos, a fronteira é o que caracteriza a identidade do grupo e não a matéria cultural. É a fronteira étnica estabelecida que permite a afirmação da identidade daquele grupo e o diferencia de outros. Barth deixa claro que o conceito de fronteira abordado é social, as fronteiras étnicas remetem às fronteiras sociais, por mais que elas possam ter contrapartidas territoriais. Pertencer a um determinado grupo étnico significa também compartilhar uma visão de mundo, determinados valores morais e sociais, ações, comportamentos e julgamentos.

Para além das fronteiras étnicas, este livro traz à tona uma cronologia de leis e decretos que tratam da Segurança e da Defesa das fronteiras nacionais, e mostra tanto as Políticas de Defesa Nacional – PDN quanto a Estratégia Nacional de Defesa – END, que são caracterizadas como políticas voltadas à defesa e à criação de estratégias para o desenvolvimento da segurança do Estado.

No capítulo seis, o livro aprofunda a ideia jurídico-legal de fronteira, perpassando pela compreensão de *limite* de atuação do Estado democrático de direito e de território legal, onde o poder público exerceria a função primordial de *defesa*. As fronteiras se expressam como *barreiras* ou como *porosidades*, restringindo acessos ou permitindo uma seletiva entrada de pessoas, mercadorias e objetos.

A reflexão que o livro apresenta deve ser entendida como uma provocação para pensar a definição de uma nova nomenclatura conceitual da fronteira que só pode ser o resultado de um esforço coletivo, empírico e transdisciplinar. É preciso que haja uma pluriversalidade das fronteiras; dessencializar a ideia de fronteira, de que ela está no limite, de que ela divide e separa. É preciso enfatizar as potencialidades dos elementos da natureza, do humano, político, cultural, linguístico, religioso, econômico e social das fronteiras.

Handerson Joseph<sup>2</sup>

---

2 Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, ambos pela UFRGS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF)/Unifap.